

Jerusalem's Lot

2 de outubro de 1850

CARO BONES,

Como foi bom penetrar no saguão frio e arejado aqui de Chapelwaite, todos os ossos doendo por causa daquela abominável carruagem, necessitando de um alívio imediato de minha bexiga inchada — e ver uma carta endereçada com o seu próprio e inimitável garrancho sobre a horrível mesinha de cerejeira ao lado da porta! Esteja certo de que me pus a decifrá-la assim que as necessidades do corpo foram satisfeitas (num banheiro no andar de baixo, friamente decorado, onde eu podia ver meu hálito subindo diante dos meus olhos).

Fico feliz por saber que você se recuperou do *miasma* que durante tanto tempo esteve instalado em seus pulmões, embora lhe garanta que na verdade simpatizo com o dilema moral em que a cura o deixou. Um abolicionista enfermo curado pelo clima ensolarado da escravagista Flórida! Ainda assim, Bones, peço-lhe, como um amigo que também caminhou pelo vale das sombras, *que se cuide* e não se aventure de volta a Massachusetts até que seu corpo lhe dê permissão. Sua mente lúcida e sua pena incisiva não nos servem para nada se você regressar ao pó, e se o Sul é uma região capaz de curá-lo, não há uma justiça poética nisso?

Sim, a casa é tão bonita quanto fui levado a crer pelos testamenteiros do meu primo, mas bem mais sinistra. Fica no alto de um imenso e saliente promontório a talvez uns 2 quilômetros ao norte de Falmouth e a uns 6 quilômetros ao norte de Portland. Atrás dela há cerca de um hectare e meio de terra, dominado outra vez pela natureza da maneira

mais formidável que se poderia imaginar — juníperos, cipós, arbustos e várias formas de trepadeiras sobem desordenadamente pelos pitorescos muros de pedra que separam a propriedade das terras municipais. Horrorosas imitações da estatuária grega espiam às cegas através de todo esse mato, no alto de várias pequenas colinas — parecem, na maioria dos casos, prestes a investir contra o passante. O gosto do meu primo Stephen parece ter percorrido toda a escala desde o inaceitável até o claramente horrível. Há uma casinha de verão esquisita que foi quase soterrada pelo sumagre escarlata e um grotesco relógio de sol no meio do que outrora deve ter sido um jardim. Ele dá o toque lunático final.

Porém a vista do salão mais do que justifica tudo isso; tenho um panorama vertiginoso dos rochedos ao pé do promontório de Chapelwaite e do próprio Atlântico. Uma imensa janela saliente abre-se para essa paisagem, a cujo pé fica uma imensa secretária, de forma semelhante a um sapo. Vai ser ótimo para o começo daquele romance sobre qual venho falando faz tanto tempo (e sem dúvida cansativamente).

Hoje o dia esteve cinzento com ocasionais períodos de chuva fina. Tudo parece aos meus olhos ser um estudo em cinza escuro — as rochas, velhas e gastas como o próprio Tempo, o céu, e, é claro, o mar, a arrebentar contra as presas de granito lá embaixo com um som que não é precisamente som, mas vibração — posso sentir as ondas sob os meus pés no instante mesmo em que escrevo. A sensação não é de todo desagradável.

Sei que você desaprova meus hábitos solitários, caro Bones, mas asseguro-lhe de que estou bem e feliz. O Calvin está comigo, prático, silencioso e digno de confiança como sempre, e lá pelo meio da semana tenho certeza de que nós dois já teremos arranjado nossos negócios e tomado providências para as entregas necessárias da cidade — e uma equipe de faxineiras para começar a tirar a poeira deste lugar!

Vou terminar — há tantas coisas mais para ver, quartos a explorar, e sem dúvida mil peças de execrável mobília para serem contempladas por estes olhos delicados. Mais uma vez, meus agradecimentos pelo toque familiar trazido pela sua carta, e pela sua constante consideração.

Mande meu apreço à sua mulher, já que vocês dois o têm.

CHARLES.

6 de outubro de 1850

CARO BONES,

Que lugar, este aqui!

Continua a me surpreender — tanto quanto as reações dos moradores da aldeia mais próxima à minha presença. É um lugarzinho esquisito com o nome pitoresco de Preacher's Corners. Foi lá que Calvin fez um acordo para o envio das provisões semanais. Da outra incumbência, a de garantir um suprimento suficiente de lenha para o inverno, ele também cuidou. Mas Cal voltou com um rosto sombrio, e quando lhe perguntei qual era o problema, ele respondeu, de um modo bem sinistro:

— Achem que o senhor é maluco, Sr. Boone!

Ri e disse que talvez tivessem ouvido falar da febre cerebral que me acometeu após a morte da minha Sarah — com certeza eu falava de um jeito bem maluco naquela época, como você pode comprovar.

Mas Cal alegou que ninguém sabia de coisa alguma a meu respeito exceto por intermédio do meu primo Stephen, que havia contratado os mesmos serviços que eu agora tomava providências para assegurar.

— O que disseram, senhor, é que qualquer um capaz de morar em Chapelwaite ou deve ser maluco ou corre o risco de se tornar um.

Isso me deixou totalmente perplexo, como você pode imaginar, e perguntei quem lhe dissera coisa tão surpreendente. Ele me disse que se referia a um madeireiro carrancudo e algo embriagado chamado Thompson, proprietário de 160 hectares de pinheiros, bétulas e abetos, que derruba e transporta a madeira com a ajuda de seus cinco filhos, para vendê-la às fábricas em Portland e aos proprietários das imediações.

Quando Cal, ignorante de seu estranho preconceito, informou-me a localidade em que a madeira deveria ser entregue, esse tal de Thompson encarou-o de queixo caído e disse que mandaria os filhos com a madeira, durante a segura luz do dia e pela estrada que acompanha o mar.

Calvin, aparentemente tomando a minha perplexidade por aflição, apressou-se em dizer que o homem fedia a uísque barato e que havia então mergulhado num falatório sem sentido sobre uma aldeia abandonada e os parentes do primo Stephen — e vermes! Calvin terminou seus negócios com um dos filhos de Thompson, que, presumo,

foi bastante ríspido e não estava nem um pouco mais sóbrio ou com o odor mais agradável. Também presumo que houve reações semelhantes na própria Preacher's Corners, na mercearia, com cujo dono Cal falou, embora neste caso os comentários tenham sido mais no estilo da fofoca, do disse-me-disse.

Nada disso me incomodou muito; sabemos como essa gente rústica adora enriquecer suas vidas com o cheiro do escândalo e do mito, e suponho que o pobre Stephen e esta parte da família sejam um prato cheio. Como disse para o Cal, um homem que morre caindo praticamente do seu próprio pórtico de entrada provavelmente vai dar o que falar.

A casa em si é uma surpresa constante. Vinte e três quartos, Bonnes! Os lambris que revestem os pisos no andar de cima e a galeria dos retratos estão embolorados, mas ainda são sólidos. Enquanto eu estive no quarto do meu finado primo, no andar de cima, podia ouvir os ratos correndo por trás dos lambris, e devem ser ratos grandes, pelo barulho que fazem — é quase como se houvesse gente andando ali. Detestaria encontrar um deles no escuro; aliás, mesmo no claro. Não notei, entretanto, nem buracos nem excrementos. Estranho.

A galeria no andar de cima é recoberta por retratos ruins em molduras que devem valer uma fortuna. Alguns assemelham-se com Stephen, tal como me lembro dele. Acredito ter identificado corretamente meu tio Henry Boone e sua mulher Judith; e os outros não são familiares. Suponho que um deles seja o meu notório bisavô, Robert. Mas o lado de Stephen da família é praticamente desconhecido para mim, o que lamento do fundo do coração. O mesmo bom humor estampado nas cartas de Stephen para Sarah e para mim, a mesma luz do intelecto elevado brilham nesses retratos, por piores que sejam. Por que razões tolas as famílias brigam! Um *escritoire* arrombado, palavras duras entre irmãos hoje mortos há três gerações, e descendentes sem qualquer culpa encontram-se desnecessariamente afastados. Não posso evitar refletir sobre como foi uma grande sorte você e John Petty terem conseguido contactar Stephen quando parecia que talvez eu fosse acompanhar minha Sarah, atravessando os Portões — e sobre como foi um grande azar o fato de que o destino nos roubasse um encontro face a face. Como eu teria adorado ouvi-lo defender a estatuária e a mobília ancestrais!

Mas não quero denegrir este lugar ao extremo. O gosto de Stephen não era o meu, verdade, mas abaixo da superfície de suas aquisições há peças (algumas delas protegidas por capas, nos aposentos superiores) que são verdadeiras obras de arte. Há camas, mesas e volutas pesadas e escuras feitas em teca e mogno, e muitos dos quartos e salas de recepção, o escritório no andar de cima e a pequena sala de visitas têm um charme sombrio. Os pisos são de pinho de excelente qualidade, que brilha com uma luz interna e secreta. Há dignidade aqui; dignidade e o peso dos anos. Ainda não posso dizer que gosto do lugar, mas respeito-o. Estou ansioso para observá-lo mudar, conforme atravessemos as mudanças deste clima setentrional.

Deus, não paro de falar! Escreva em breve, Bones. Conte-me sua melhora, e dê-me as notícias que tiver da Petty e do resto. E por favor, não cometa o erro de tentar convencer algum novo conhecido sulista a adotar seus pontos de vista por imposição demasiada — suponho que nem todos se contentem em responder apenas com a boca, como o nosso prolixo *amigo*, Sr. Calhoun.

Seu afetuoso amigo,
CHARLES.

16 de outubro de 1850

CARO RICHARD,

Olá, como vai? Pensei em você com freqüência desde que passei a residir aqui em Chapelwaite, e meio que esperava receber notícias suas — e agora recebo uma carta de Bones dizendo que esqueci de deixar meu endereço no clube! Tenha certeza de que eu acabaria escrevendo, de qualquer modo, pois às vezes parece que meus verdadeiros e fiéis amigos são as únicas coisas seguras e completamente normais que me restaram neste mundo. E, por Deus, como nós nos dispersamos! Você em Boston, escrevendo constantemente para o *The Liberator* (para onde também mandei meu endereço, por falar nisso), Hanson na Inglaterra, em mais uma de suas malditas *excursões*, e o velho Bones na própria *cova dos leões*, recuperando-se dos pulmões.

Tudo corre tão bem quanto se pode esperar por aqui, Dick, e esteja certo de que vou lhe fazer um relato completo quando não estiver tão

pressionado por certos eventos que ocorrem neste lugar — creio que sua mente jurídica virá a ficar bastante intrigada com alguns acontecimentos em Chapelwaite e nos arredores.

Mas, enquanto isso, tenho um favor para pedir, se você me permite. Lembra-se do historiador a quem me apresentou no jantar beneficente oferecido pelo Sr. Clary pela causa? Acredito que seu nome fosse Bigelow. De qualquer modo, ele mencionou que tinha como passatempo recolher estranhas passagens de folclore e história concernentes à área exata em que agora estou vivendo. O favor, então, é este: poderia entrar em contato com ele e perguntar-lhe que fatos, lendas folclóricas ou *boatos generalizados* — se houver algum — podem estar relacionados a um pequeno e deserto vilarejo chamado JERUSALEM'S LOT, perto de um distrito chamado Preacher's Corners, rio Royal? Esse rio é ele próprio um afluente do Androscoggin, em que deságua aproximadamente 18 quilômetros acima da foz, perto de Chapelwaite. Isso me deixaria bastante satisfeito e, mais importante, talvez seja assunto de certa gravidade.

Relendo esta carta, sinto que fui um pouco breve demais com você, Dick, pelo que lamento sinceramente. Mas garanto-lhe que vou me explicar em breve, e por ora envio os meus melhores votos à sua mulher, aos seus dois lindos filhos e, é claro, a você.

Seu afetuoso amigo,
CHARLES.

16 de outubro de 1850

CARO BONES,

Tenho uma história para lhe contar que parece um pouco estranha (e mesmo inquietante) tanto para Cal quanto para mim — veja o que acha. Na pior das hipóteses, pode servir para diverti-lo enquanto luta contra os mosquitos!

Dois dias após ter enviado minha última carta a você, um grupo de quatro moças chegou, vindas de Corners sob a supervisão de uma senhora mais velha, com um rosto intimidante e competente, chamada Sra. Cloris, para colocar este lugar em ordem e remover um pouco da poeira que estava me fazendo espirrar aparentemente a cada dois passos.

Todas pareciam um pouco nervosas enquanto executavam seus serviços domésticos; uma mocinha distraída chegou a dar um gritinho quando entrei na sala de visitas no andar superior, enquanto ela tirava o pó.

Perguntei a Sra. Cloris do que se tratava (estava tirando o pó do salão no andar inferior com uma determinação implacável que teria surpreendido você, o cabelo amarrado no alto com um lenço velho e desbotado); ela se virou para mim e disse com um ar decidido:

— Elas não gostam da casa, e eu não gosto da casa, senhor, porque ela sempre foi uma casa *ruim*.

Fiquei de queixo caído diante dessas palavras inesperadas, e ela prosseguiu num tom mais gentil:

— Não estou querendo dizer que Stephen Boone não fosse um bom homem, ele era: limpei a casa para ele duas quintas-feiras ao mês durante todo o tempo em que ele esteve aqui, como antes limpava para o seu pai, Sr. Randolph Boone, até que ele e sua mulher desapareceram em 1816. O Sr. Stephen era um homem bondoso e gentil, como o senhor também parece ser (por favor, perdoe minha franqueza; não sei falar de outro jeito), mas a casa é *ruim*, como *sempre foi*, e nenhum Boone foi feliz aqui desde que o seu avô Robert e o irmão dele brigaram por causa de (e aqui ela fez uma pausa, quase culpada) coisas roubadas em 1789.

Que memória tem essa gente, Bones!

A Sra. Cloris continuou:

— A casa foi construída com tristeza, tem sido habitada com tristeza, sangue foi derramado neste chão (talvez você saiba, talvez não, Bones, que meu tio Randolph esteve envolvido num acidente na escada do porão, que tirou a vida de sua filha Marcella; ele então pôs fim à sua própria vida num acesso de remorso. O incidente foi relatado em uma das cartas de Stephen para mim, na triste ocasião do aniversário de sua falecida irmã), houve desaparecimentos e acidentes.

“Trabalhei aqui, Sr. Boone, e não sou nem cega, nem surda. Já ouvi sons medonhos nas paredes, senhor, sons medonhos — coisas batendo e estrondos, e uma vez um estranho lamento que era meio que uma risada. Fez meu sangue gelar. É um lugar tenebroso, senhor” — e aqui ela se interrompeu, talvez com medo de ter falado demais.

Quanto a mim, mal sabia se me sentia ofendido ou se achava graça, se estava curioso ou pouco me importava. Temo que a graça tenha ganho aquele dia.

— E de que a senhora desconfia, Sra. Cloris? Fantasmas arrastando correntes?

Mas ela apenas olhou para mim com uma expressão estranha.

— Pode haver fantasmas. Mas não são fantasmas nas paredes. Não são fantasmas que se lamentam e choram como condenados e tropeçam e esbarram nos cantos pela escuridão. É...

— Vamos lá, Sra. Cloris — eu a encorajei. — A senhora chegou até aqui. Ora, será que pode terminar o que começou?

A mais estranha expressão de terror, ressentimento e — eu poderia jurar — temor religioso passou pelo seu rosto.

— Alguns não morrem — ela sussurrou. — Alguns vivem nas sombras do crepúsculo do Além, para servir... a Ele!

E esse foi o final. Por alguns minutos continuei a interrogá-la, mas ela foi ficando mais obstinada, e nada mais disse. Por fim desisiti, temendo que ela pudesse arrumar suas coisas e ir embora.

Esse foi o fim de um episódio, mas um segundo ocorreu na noite seguinte. Calvin tinha acendido o fogo no andar de baixo e eu estava sentado na sala de estar, cochilando com um exemplar do *The Intelligencer* na mão, ouvindo o som da chuva que o vento lançava contra a grande janela saliente. Sentia-me confortável como só é possível em noites como essa, quando tudo do lado de fora é desagradável e, do lado de dentro, quente e cômodo; um instante mais tarde porém Cal apareceu na porta, com um aspecto exaltado e um pouco nervoso.

— O senhor está acordado? — ele perguntou.

— Mais ou menos — eu disse. — O que foi?

— Encontrei algo lá em cima que acho que o senhor deveria ver — ele respondeu, com o mesmo ar de exaltação contida.

Levantei-me e o acompanhei. Enquanto subíamos pela escada de largos degraus, Calvin disse:

— Eu estava lendo um livro no gabinete, no andar de cima... um livro bem estranho... quando ouvi um barulho na parede.

— Ratos — eu disse. — Isso é tudo?

Ele fez uma pausa no patamar, olhando para mim com ar solene. A lamparina que segurava lançava sombras estranhas e sorradeiras sobre as cortinas escuras e os retratos, que, na penumbra, agora pareciam olhar com malícia mais do que sorrir. Do lado de fora o vento aumentou, num breve grito agudo, e depois diminuiu com relutância.

— Não eram ratos — Cal disse. — Havia um som que era como o de alguém andando às tontas e um baque surdo vindo de trás das estantes de livros, depois um horrível gorgolejar... horrível, senhor. E arranhões, como se alguma coisa estivesse tentando sair... para me pegar!

Você pode imaginar minha surpresa, Bones. O Calvin não é o tipo que se entrega a vôos histéricos da imaginação. Começava a parecer que havia um mistério aqui afinal de contas — e talvez um dos feios, de fato.

— E depois? — perguntei. Tínhamos recomeçado a andar, eu podia ver a luz do gabinete derramando-se sobre o chão da galeria. Eu a vi com uma certa ansiedade; a noite já não parecia mais confortável.

— O barulho de arranhões parou. Após um instante, os sons de baques e pés arrastando recomeçaram, desta vez se afastando de mim. Houve uma pausa, e juro que ouvi uma estranha e quase inaudível risada! Voltei para a estante de livros e comeci a empurrar e puxar, achando que talvez houvesse uma parede divisória, ou uma porta secreta.

— Encontrou alguma?

Cal deteve-se na porta do gabinete.

— Não... mas encontrei isto!

Entramos, e vi um buraco quadrado e escuro na estante da esquerda. Os livros naquele local eram falsos, e o que Cal encontrara era um pequeno esconderijo. Iluminei seu interior com minha lamparina e o que vi foi só uma espessa camada de poeira, poeira que devia estar ali por décadas.

— Só o que havia era isso — disse Cal em voz baixa, e me entregou um papel amarelado.

Era um mapa, traçado com tinta preta em linhas finas como teias de aranha — o mapa de uma cidade ou povoado. Havia talvez sete construções, e uma, nitidamente marcada com um campanário, ostentava a seguinte legenda logo abaixo: *O Verme que Vos Corrompe*.

No canto superior esquerdo, no que devia ter sido o noroeste desse pequeno povoado, uma seta apontava. Inscrito sob a seta: *Chapelwaite*.

Calvin disse:

— Na cidade, senhor, alguém mencionou de forma bem supersticiosa um povoado abandonado chamado Jerusalem's Lot. É um lugar que eles evitam.

— Mas e isto? — perguntei, apontando para a estranha legenda abaixo do campanário.

— Não sei.

Uma lembrança de Sra. Cloris, inflexível e, no entanto, assustada, passou por minha mente.

— O Verme... — murmurei.

— O senhor sabe de alguma coisa, Sr. Boone?

— Talvez... pode ser divertido procurar por esta cidade amanhã, não acha, Cal?

Ele fez que sim, os olhos brilhando. Passamos quase uma hora depois disso procurando alguma fenda na parede por trás do cubículo que Cal encontrara, mas sem sucesso. Tampouco houve recorrência dos barulhos que Cal descrevera.

Nós nos recolhemos sem mais aventuras naquela noite.

Na manhã seguinte, Calvin e eu partimos em nossa perambulação pela floresta. A chuva da noite anterior havia cessado, mas o céu estava sombrio e fechado. Podia ver Cal olhando para mim com ar um pouco desconfiado, e apressei-me em lhe garantir que se eu me cansasse, ou se a viagem se revelasse muito longa, não hesitaria em fazer uma pausa na expedição. Havíamos nos equipado com um almoço leve, uma boa bússola Buckwhite e, é claro, o estranho e antigo mapa de Jerusalem's Lot.

Era um dia estranho e deprimente; nem um único pássaro parecia cantar ou um único animal se mover enquanto seguíamos pelas imensas e lúgubres fileiras de pinheiros, rumo ao sul e ao leste. Os únicos sons eram os de nossos próprios passos e o martelar constante do Atlântico sobre os promontórios. O cheiro do mar, intenso de uma forma quase sobrenatural, era nossa companhia constante.

Não havíamos caminhado por mais de 3 quilômetros, quando chegamos a uma estrada coberta pela vegetação, uma estrada construída de toras de madeira que, creio, outrora chamavam de "*corduroy*"; a estrada seguia na mesma direção que nós, e avançamos por ela, ganhando tempo. Falávamos pouco. O dia, com seu ar silencioso e sinistro, pesava em nossos espíritos.

Por volta das onze horas, ouvimos o ruído de água corrente. O que restava da estrada virava abruptamente para a esquerda, e do outro lado de um riacho cinzento e correção, feito uma aparição, estava Jerusalem's Lot!

O riacho tinha talvez 2,5m de largura, e era atravessado por uma ponte coberta de musgo. Do outro lado, Bones, ficava a mais perfeita aldeiazinha que você possa imaginar, compreensivelmente desgastada pelo tempo, mas preservada de forma surpreendente. Várias casas, construídas naquele estilo austero, porém imponente, pelo qual os puritanos eram merecidamente famosos, amontoavam-se perto da margem íngreme. Mais adiante, ao longo de uma rua coberta de mato, ficavam três ou quatro do que talvez tenham sido simplórios estabelecimentos comerciais, e mais adiante, a agulha da igreja marcada no mapa, projetando-se na direção do céu cinzento e de aspecto indescritivelmente sinistro com sua pintura descascada e a cruz sem brilho, pendendo para um lado.

— A cidade tem um nome bem apropriado — disse Cal, ao meu lado.*

Atravessamos a ponte até cidade e começamos a explorá-la — e é aqui que a minha história se torna um tanto surpreendente, Bones, portanto prepare-se!

O ar parecia de chumbo, enquanto andávamos por entre as construções; pesava, por assim dizer. Os prédios estavam em estado de deterioração — postigos arrancados, telhados desabando sob o peso de fortes nevascas passadas, janelas empoeiradas e tortas. Sombras projetadas por cantos irregulares e ângulos fora de prumo pareciam se depositar em poças sinistras.

Entramos numa antiga e apodrecida taberna primeiro — de algum modo não parecia correto que invadísemos qualquer uma daquelas casas às quais as pessoas se recolhiam quando desejavam privacidade. Uma velha e gasta placa acima da porta lascada anunciava que aquela havia sido a ESTALAGEM E TABERNA CABEÇA DE JAVALI. A porta rangeu malignamente na única dobradiça restante, e penetramos no sombrio interior. O cheiro de podridão e mofo era intenso e quase insuportável. E parecia ocultar

* Uma possível tradução para Jerusalem's Lot seria “o destino de Jerusalém”. (N. da T.)

um cheiro ainda mais profundo, um cheiro viscoso e pestilento, um cheiro de décadas e do apodrecimento de décadas. Um fedor como o que poderia sair de caixões estragados ou túmulos violados. Levei o meu lenço ao nariz e Cal fez a mesma coisa. Examinamos o local.

— Meu Deus, senhor... — Cal disse, num sussurro.

— Nunca foi tocada — completei por ele.

E de fato não tinha sido. Mesas e cadeiras espalhavam-se por ali como guardiães fantasmagóricas de vigia, empoeiradas, empenadas pelas mudanças extremas de temperatura que fazem a fama do clima da Nova Inglaterra, mas perfeitas fora isso — como se tivessem esperado durante as silenciosas e reverberantes décadas que aqueles há muito se foram entrassem outra vez, pedissem uma cerveja ou um trago, jogassem cartas e acendessem cachimbos de barro. Um pequeno espelho quadrado pendia abaixo do regulamento da taberna, *inteiro*. Percebe o que isso significa, Bones? Os garotos são famosos por suas explorações e vandalismo; não há uma casa “assombrada” que permaneça com janelas intactas, não importa o quão assustadores sejam os rumores sobre seus habitantes sobrenaturais; nem um cemitério sombrio sem pelo menos uma lápide derrubada por jovens travessos. Com certeza deve haver um grupo de jovens travessos em Preacher’s Corners, a menos de 3 quilômetros de Jerusalem’s Lot. No entanto, o espelho do dono da estalagem (que deve ter-lhe custado uma boa quantia) estava intacto — bem como os outros itens frágeis que encontramos na nossa sondagem. O único estrago em Jerusalem’s Lot tinha sido causado pela Natureza impessoal. A dedução é óbvia: Jerusalem’s Lot é uma cidade que as pessoas evitam. Mas por quê? Tenho uma vaga noção, mas antes mesmo de chegar a dar meu palpite devo prosseguir com o relato do desfecho perturbador de nossa visita.

Subimos aos quartos de dormir e encontramos camas arrumadas, jarros de estanho para água organizadamente dispostos ao lado delas. A cozinha estava igualmente intocada pelo que quer que fosse exceto a poeira dos anos e aquele horrível, profundo fedor de decomposição. A taberna sozinha já seria o paraíso de um antiquário; o fogão da cozinha, maravilhosamente extravagante, por si só alcançaria um belo preço no leilão de Boston.

— O que você acha, Cal? — perguntei, quando emergimos outra vez à luz pouco firme do dia.

— Acho que isto é coisa ruim Sr. Boone — ele replicou com seu jeito lúgubre. — E acho que precisamos ver mais para saber mais.

Não prestamos muita atenção nos outros estabelecimentos comerciais — havia uma loja de seleiro com objetos mofados de couro ainda pendurados em pregos enferrujados, uma mercearia, um armazém com tábuas de carvalho e pinho ainda empilhadas lá dentro, uma ferraria.

Entramos em duas casas enquanto seguíamos na direção da igreja, no centro do povoado. Ambas seguiam perfeitamente a moda puritana, cheias de artigos pelos quais um colecionador teria dado seu braço, ambas abandonadas e tomadas por aquele mesmo cheiro podre.

Nada parecia viver ou se mexer onde quer que fosse, exceto nós dois. Não vimos insetos, pássaros, nem mesmo uma teia de aranha construída no canto de uma janela. Somente poeira.

Por fim chegamos à igreja. Ela se erguia acima de nós, soturna, fria, nada convidativa. Suas janelas estavam negras com as sombras lá dentro, e qualquer atributo divino ou santo já havia partido dali fazia muito tempo. Disso tenho certeza. Subimos os degraus e coloquei a mão no grande puxador de ferro, na porta. Um olhar determinado e sombrio passou de mim para Calvin, e de volta outra vez. Abri o portal. Quanto tempo fazia que aquela porta tinha sido tocada pela última vez? Eu diria com segurança que era o primeiro a tocá-la em cinqüenta anos; talvez mais. Dobradiças endurecidas pela ferrugem rangeram quando a abri. O cheiro de podridão e decomposição que nos atingiu era quase palpável. Um arquejo subiu da garganta de Cal, que virou involuntariamente a cabeça em busca de ar puro.

— Senhor — ele perguntou —, senhor tem certeza de que está...?

— Estou bem — disse, com calma.

Mas eu não me sentia calmo, Bones, não mais do que agora. Acredito, juntamente com Moisés, com Jereboão, com Increase Mather,* e com o nosso Hanson (quando ele está em um estado de espírito *filosófico*) que há locais espiritualmente nocivos, construções em que o leite

* Pastor puritano envolvido no julgamento das bruxas de Salém em 1962. (N. da E.)

do cosmos se tornou azedo e rançoso. Essa igreja é um desses lugares; posso jurá-lo.

Ingressamos num comprido vestíbulo equipado com um empoeirado cabideiro e com hinários organizados numa estante. Não tinha janelas. Lamparinas a óleo estavam dispostas em nichos, aqui e ali. Um aposento nada extraordinário, pensei, até que ouvi o arquejo agudo de Calvin e vi o que ele já notara.

Era uma obscenidade.

Não ousou descrever aquele quadro de moldura elaborada com mais palavras do que as seguintes: que era pintado imitando o estilo roliço de Rubens; que continha uma grotesca paródia de uma madona com o menino; que estranhas criaturas, parcialmente imersas na sombra, divertiam-se e rastejavam no fundo.

— Deus — sussurrei.

— Não há nenhum Deus aqui — Calvin disse, e suas palavras pareceram ficar suspensas no ar.

Abri a porta que levava à igreja propriamente dita, e o odor tornou-se um miasma, quase insuportável.

Na reluzente meia-luz da tarde, os bancos se esticavam fantasmagoricamente na direção do altar. Acima deles havia um púlpito alto, de carvalho, com um nártex imerso na penumbra, no qual o ouro brilhava.

Com um soluço engasgado, Calvin, aquele protestante devoto, fez o sinal-da-cruz, e o imitei. Pois o ouro era uma cruz, grande e lindamente ornamentada — mas estava pendurada de cabeça para baixo, como o símbolo da missa satânica.

— Temos que manter a calma — ouvi-me dizer. — Temos que manter a calma, Calvin. Temos que manter a calma.

Mas algo soturno tocara meu coração, e eu sentia medo como nunca antes havia sentido. Eu caminhara sob a sombra da morte e achava que não existia nada mais negro. Mas existe. Existe.

Caminhamos pela nave lateral, nossos passos ecoando acima de nós e ao nosso redor. Deixávamos pegadas no pó. E no altar havia outros tenebrosos *objets d'art*. Não vou, não posso deixar minha mente se ater a eles.

Comecei a subir no próprio púlpito.

— Não, Sr. Boone! — Cal exclamou, de repente. — Eu receio...

Mas eu já estava lá em cima. Um livro enorme se encontrava aberto sobre a estante, escrito em latim e em runas confusas que pareciam, aos meus olhos pouco familiarizados, druidas ou pré-célticas. Estou anexando um cartão com vários dos símbolos, que desenhei de memória.

Fechei o livro e olhei para as palavras impressas no couro: *De Vermis Mysteriis*. Meu latim está enferrujado, mas aproveitável o suficiente para traduzir: *Os Mistérios do Verme*.

Quando o toquei, aquela igreja maldita e a face branca de Calvin, voltada para cima, pareceram girar diante de mim. Tive a impressão de ouvir vozes num cântico baixo, cheias de um medo abominável e ainda assim ávido — e por baixo desse som, um outro, que ocupava as entranhas da terra. Uma alucinação, não tenho dúvidas — mas ao mesmo tempo a igreja foi ocupada por um som bastante real, que só posso descrever como uma imensa e macabra *rotação* sob meus pés. O púlpito tremeu debaixo dos meus dedos; a cruz profanada tremeu sobre a parede.

Sáímos juntos, Cal e eu, deixando o local entregue à sua própria escuridão, e nenhum de nós dois ousou olhar para trás antes de cruzar as toscas tábuas sobre o riacho. Não direi que desonramos os 1.900 anos que o homem passou evoluindo do selvagem curvado e supersticioso que era pondo-nos a correr; mas seria um mentiroso se dissesse que apenas seguimos andando.

Esta é minha história. Você não deve comprometer sua recuperação temendo que a febre tenha se apossado de mim outra vez; o Cal pode testemunhar tudo o que há nestas páginas, até e inclusive o abominável *barulho*.

Então fico aqui, dizendo apenas que gostaria de poder vê-lo (ciente de que grande parte da minha perplexidade desapareceria imediatamente), e que subscrevo-me, seu amigo e admirador,

CHARLES.

17 de outubro de 1850

PREZADOS CAVALHEIROS:

Na mais recente edição de seu catálogo de artigos para o lar (i.e., verão, 1850), notei um preparado que recebe o nome de Veneno para

Ratos. Gostaria de comprar uma (1) lata de 2 quilos deste preparado, ao preço mencionado de 30 centavos (\$.30). Incluo aqui as despesas postais para a resposta. Por favor remetam-na a: Calvin McCann, Chapelwaite, Preacher's Corners, Cumberland County, Maine.

Grato por sua atenção.

Subscrevo-me, atenciosamente,
CALVIN McCANN

19 de outubro de 1850

CARO BONES,

Eventos de natureza perturbadora.

Os barulhos da casa se intensificaram, e estou chegando à conclusão de que os ratos não são tudo o que se move dentro das nossas paredes. Calvin e eu fizemos mais uma infrutífera busca por frestas ou passagens ocultas, mas nada encontramos. Seríamos péssimos personagens dos romances da Sra. Radcliffe! Cal alega, contudo, que a maior parte do som vem do porão, que pretendemos explorar amanhã. Não fico nem um pouco mais à vontade sabendo que a irmã do primo Stephen encontrou seu triste fim ali.

Seu retrato, aliás, faz parte da galeria no andar de cima. Marcella Boone era uma coisinha tristonha e bonita, se o artista lhe foi fiel, e sei que nunca se casou. Às vezes acho que Sra. Cloris tinha razão, que esta é uma casa ruim. De qualquer modo, não proporcionou coisa alguma além de tristeza aos seus habitantes passados.

Mas tenho mais a dizer a respeito da temível Sra. Cloris, pois tive hoje uma segunda conversa com ela. Sendo a pessoa mais sensata em Corners que conheci até o momento, procurei por ela hoje à tarde, após uma desagradável conversa que vou relatar.

A lenha era para ter sido entregue esta manhã, e quando o meio-dia chegou e se foi sem que a lenha viesse, decidi ir até a cidade em minha caminhada diária. Meu objetivo era visitar Thompson, o homem com quem Cal tratou o negócio.

Era um dia encantador, com o frescor seco de um outono radiante, e quando cheguei à residência do Thompson (Cal, que ficara em casa para examinar mais um pouco a biblioteca do primo Stephen, deu-me

as coordenadas corretas) sentia-me com a melhor disposição que tive nos últimos dias, bem como pronto a perdoar o atraso de Thompson com a lenha.

O lugar era um denso emaranhado de mato e construções arruinadas precisando de pintura; à esquerda do celeiro uma porca imensa, pronta para o abate de novembro, grunhia e se espojava no chiqueiro enlameado, e no quintal sujo entre a casa e as outras construções uma mulher num esfarrapado vestido de riscado dava às galinhas a ração que tirava do avental. Quando a chamei, ela virou um rosto pálido e desanimado em minha direção.

A súbita mudança em sua expressão, que passou de um vazio completo e apatetado a um exaltado terror, foi bastante assombrosa de se observar. Só posso pensar que ela me tomou pelo próprio Stephen, pois ergueu a mão fazendo chifres com os dedos e gritou. A ração das galinhas se espalhou pelo chão e as aves bateram as asas para longe, cacarejando.

Antes que eu pudesse pronunciar um único som, o vulto imenso e maciço de um homem vestido apenas com roupas de baixo surradas arrastou-se para fora de casa com um rifle numa das mãos e um jarro na outra. Pelo brilho vermelho em seus olhos e a maneira cambaleante de andar, julguei que fosse o próprio Thompson, o lenhador.

— Um Boone! — ele rugiu. — Maldito seja! — deixou cair o jarro, que rolou no chão, e também fez o Sinal.

— Eu vim — disse, com a calma que pude reunir, dadas as circunstâncias —, porque a lenha não veio. De acordo com o acerto que fez com meu criado...

— Maldito seja o seu criado também! — e pela primeira vez reparei que por baixo daquela fúria e gritos ele estava mortalmente apavorado. Comecei a me perguntar com sinceridade se ele não chegaria mesmo a usar seu rifle contra mim, em meio àquela exaltação.

Comecei a falar com bastante cuidado:

— Como um gesto de cortesia, você talvez pudesse...

— Maldita seja a sua cortesia!

— Muito bem, então — eu disse, com toda a dignidade que pude reunir. — Desejo-lhe um bom dia, até que esteja mais sob controle de si.

E com isso eu me virei e retomei a estrada que levava ao povoado.

— E num volte aqui! — ele gritou, às minhas costas. — Fique por lá cum sua maldade! Maldito! Maldito! Maldito!

Ele atirou em mim uma pedra, que me atingiu no ombro. Eu não lhe daria a satisfação de me esquivar.

Então procurei pela Sra. Cloris, determinado a desvendar o mistério da inimizade de Thompson, pelo menos. Ela é uma viúva (e me poupe da sua abominável vocação de *casamenteiro*, Bones; ela deve ter uns quinze anos a mais do que eu, que não voltarei a ter quarenta) e vive só numa cabaninha simpática bem diante do oceano. Encontrei a senhora pendurando a roupa lavada, e ela pareceu genuinamente satisfeita em me ver. Isso me foi de grande alívio; é uma vergonha quase indescritível ser considerado um pária por nenhuma razão compreensível.

— Sr. Boone — ela disse, fazendo uma pequena reverência. — Se o senhor veio a respeito da roupa para lavar, eu não pego nenhum serviço depois de setembro. Meu reumatismo me dói tanto que já é um incômodo suficiente ter que dar conta da minha própria roupa.

— Gostaria que roupa para lavar *fosse* o objetivo da minha visita. Vim pedir ajuda, Sra. Cloris. Preciso saber tudo o que possa me dizer a respeito de Chapelwaite e Jerusalem's Lot, e por que a gente do povoado olha para mim com tanto medo e tanta desconfiança!

— Jerusalem's Lot! O senhor sabe a respeito *disso*, então.

— Sim — respondi —, e visitei o lugar com meu ajudante uma semana atrás.

— Deus! — ela ficou pálida como leite, e cambaleou. Estendi a mão para segurá-la. Seus olhos rolavam de forma horrível, e por um instante tive certeza de que ela ia desmaiar.

— Sra. Cloris, sinto muito se disse alguma coisa que...

— Venha para dentro — ela disse. — O senhor precisa saber. Meu bom Jesus, os dias amaldiçoados estão de volta!

Ela não quis dizer mais coisa alguma antes de fazer um chá forte em sua cozinha ensolarada. Quando a bebida estava diante de nós, ela olhou pensativamente para o oceano por algum tempo. Era inevitável que seus olhos e os meus fossem atraídos para o cume saliente do promontório de Chapelwaite, onde a casa se abria para o mar. A grande janela saliente brilhava aos raios do sol poente como um diamante. A

vista era bela, mas estranhamente perturbadora. Ela de repente se virou para mim e disse, com veemência:

— Sr. Boone, o senhor precisa deixar Chapelwaite imediatamente! Fiquei estupefato.

— Há um sopro maligno no ar desde que o senhor se mudou para lá. Na semana passada, desde que o senhor pôs os pés naquele lugar maldito, têm ocorrido presságios e augúrios. Uma coifa sobre a face da lua; bandos de bacuraus que se empoleiram nos cemitérios; um nascimento anormal. O senhor *tem que* ir embora!

Quando consegui falar, disse, da maneira mais gentil possível.

— Sra. Cloris, essas coisas são sonhos. A senhora deve saber disso.

— É um sonho que Barbara Brown tenha dado à luz uma criança sem olhos? Ou que Clifton Brockett tenha encontrado uma trilha lisa e batida com um metro e meio de largura na floresta que fica para além de Chapelwaite *em que tudo murchou e ficou branco*? E será que o senhor, que visitou Jerusalem's Lot, pode dizer com certeza que nada mais vive lá?

Eu não sabia responder; o episódio naquela igreja abominável saltou diante de meus olhos.

Ela juntou as mãos nodosas com um gesto brusco, num esforço para se acalmar.

— Só sei dessas coisas por minha mãe e pela mãe dela. O senhor conhece a história da sua família, no que diz respeito a Chapelwaite?

— Vagamente — eu disse. — A casa tem sido o lar dos descendentes de Philip Boone desde os anos de 1780; seu irmão Robert, meu avô, mudou-se para Massachusetts após uma discussão a respeito de papéis roubados. Do lado de Philip sei pouco, é certo que uma sombra de infelicidade se abateu sobre eles, estendendo-se do pai ao filho e aos netos: Marcella morreu num acidente trágico e Stephen faleceu numa queda. Foi seu desejo que Chapelwaite se tornasse o meu lar, e meu também, para que assim aquela rixa familiar fosse superada.

— Para que jamais seja superada — ela sussurrou. — O senhor não sabe nada sobre a briga inicial?

— Robert Boone foi descoberto roubando coisas na escrivania de seu irmão.

— Philip Boone era louco — ela disse. — Um homem que fazia tratos com o profano. O que Robert Boone *tentou* apanhar era uma

Bíblia herege escrita nas línguas antigas... latim, druida e outras. Um livro do inferno.

— *De Vermis Mysteriis*.

Ela recuou como se um golpe a tivesse atingido.

— O senhor já ouviu falar nesse livro?

— Eu já o vi... toquei nele.

Ela mais uma vez pareceu prestes a desmaiar. Levou a mão à boca para reprimir um grito.

— Sim; em Jerusalem's Lot. No púlpito de uma igreja corrompida e profanada.

— Ainda está lá; ainda está lá, então — ela se balançou em sua cadeira. — Eu tinha esperanças de que Deus em Sua sabedoria o tivesse atirado nas profundezas do inferno.

— Que relações tinha Philip Boone com Jerusalem's Lot?

— Relações de sangue — ela disse, num tom sombrio. — A Marca da Besta estava nele, embora ele caminhasse com as roupas do Cordeiro. E na noite de 31 de outubro de 1789, Philip Boone desapareceu... e com ele a população inteira daquele maldito povoado.

Pouco mais ela disse; na verdade, pouco mais parecia saber. Apenas reiterava seus pedidos de que eu fosse embora, oferecendo como razão alguma coisa a respeito de “sangue atrair sangue” e murmurando algo sobre “aqueles que *vigiam* e aqueles que *guardam*”. Conforme o crepúsculo se aproximava, sua agitação parecia aumentar, mais do que diminuir, e para acalmá-la prometi que seus desejos seriam levados em grande consideração.

Caminhei de volta para casa através de sombras que cresciam, lúgubres, meu bom humor já bastante dissipado e minha cabeça rodando com questões que ainda me atormentam. Cal me recebeu com a notícia de que nossos ruídos nas paredes pioraram ainda mais — como posso atestar neste momento. Procuo dizer a mim mesmo que o que ouço são só ratos, mas então vejo o rosto aterrorizado e sério da Sra. Cloris.

A lua se ergueu sobre o mar, inchada, cheia, cor de sangue, manchando o oceano com uma sombra doentia. Minha mente regressa outra vez àquela igreja e

(aqui uma linha foi riscada)

Mas você não verá isso, Bones. É loucura demais. Está na hora de ir dormir, acho. Penso sempre em você.

Saudações,
CHARLES

(O trecho seguinte é do diário de bolso de Calvin McCann)

20 de outubro de 1850

Tomei a liberdade, esta manhã, de forçar a tranca que fecha o livro; fiz isso antes do Sr. Boone acordar. Não adiantou; está tudo cifrado. Um código simples, me parece. Talvez eu consiga quebrá-lo com a mesma facilidade da tranca. Um diário, tenho certeza, a caligrafia estranhamente parecida com a do próprio Sr. Boone. De quem será este livro, guardado no canto mais obscuro desta biblioteca e com as páginas cifradas? Parece antigo, mas como saber? Suas páginas ficaram em grande parte protegidas do ar que corrompe. Continuo mais tarde, se tiver tempo; Sr. Boone está decidido a investigar o porão. Tenho medo de que esses acontecimentos assustadores sejam demais para sua saúde ainda fraca. Preciso tentar convencê-lo...

Mas aí vem ele.

20 de outubro de 1850.

BONES,

Eu não consigo escrever Eu não consigo (*sic*) escrever sobre isso ainda eu eu eu

(Do diário de bolso de Calvin McCann)

20 de outubro de 50.

Como eu temia, sua saúde cedeu...

Querido Deus, Pai nosso que estais no Céu!

Não suporto pensar nisso; mas foi tudo impresso, impresso a fogo no meu cérebro como com ferro tipia; o horror naquele porão...!

Sozinho agora; oito e meia; casa silenciosa, exceto...

Eu o encontrei desmaiado sobre sua escrivaninha; ainda está dormindo; mas naqueles poucos momentos com que nobreza ele se portou, enquanto eu fiquei paralisado e desconcertado!

Sua pele está branca feito cera e fria. A febre não voltou, graças a Deus. Não ousou mudá-lo de lugar ou deixá-lo para ir ao povoado. E se eu fosse, quem voltaria comigo para ajudá-lo? Quem viria a esta casa amaldiçoada?

Ah, o porão! As coisas no porão que assombram nossas paredes!

22 de outubro de 1850.

CARO BONES,

Voltei a mim, ainda que esteja fraco, após 36 horas de inconsciência. Voltei a mim... que piada cruel e amarga! Jamais voltarei a mim novamente, jamais. Encontrei-me face a face com uma insanidade e um horror para além dos limites da expressão humana. E o fim ainda não chegou.

Se não fosse pelo Cal, acredito que poria um fim à minha vida neste minuto. Ele é a única ilha de sanidade em toda essa loucura.

Você saberá de tudo.

Havíamos nos equipado com velas para nossa exploração do porão, e elas projetavam um brilho forte que era bastante adequado — diabolicamente adequado! Calvin tentou me dissuadir, recordando a minha enfermidade recente, dizendo que provavelmente tudo o que encontraríamos seriam alguns ratos saudáveis que mais tarde teríamos de envenenar.

Eu me mantive, contudo, determinado; Calvin suspirou e respondeu:

— Como o senhor quiser, então, Sr. Boone.

A entrada para o porão se faz através de um alçapão no chão da cozinha (que Cal me assegura ter fechado firmemente com tábuas), e nós só o levantamos puxando-o com grande esforço.

Um cheiro fétido e insuportável subiu da escuridão, não muito diferente daquele que impregnava a cidade deserta do outro lado do rio Royal. A vela que eu segurava projetou seu clarão sobre um lance íngreme de escada que levava até a escuridão. Estava em péssimo estado de conservação — num local, faltava todo o espelho de um degrau, e só o que havia era um buraco escuro — era fácil ver como a desafortunada Marcella podia ter encontrado seu fim ali.

— Tome cuidado, Sr. Boone! — Cal disse; eu lhe respondi que minha intenção não era outra, e descemos.

O chão era de terra batida, e as paredes de sólido granito, e pouco úmidas. Aquele lugar não parecia de modo algum uma toca de ratos, pois não havia nenhuma daquelas coisas que os ratos gostam de usar para fazer seus ninhos, como caixas velhas, mobília abandonada, pilhas de papel e similares. Erguemos nossas velas, criando um pequeno círculo de luz, mas ainda não conseguimos ver muita coisa. O chão tinha um declive gradual que parecia passar por baixo da sala de estar principal e da sala de jantar — ou seja, rumo a oeste. Foi nessa direção que caminhamos. Tudo estava no mais completo silêncio. O fedor no ar se tornava cada vez mais forte, e a escuridão ao nosso redor parecia nos envolver como se fosse uma venda, como se sentisse inveja da luz que a depusera temporariamente após tantos anos de domínio inquestionado.

Na outra extremidade, as paredes de granito davam lugar a uma madeira polida que parecia totalmente preta e sem propriedades refletivas. Ali terminava o porão, deixando o que parecia ser um nicho junto à sala principal. Estava posicionada num ângulo que tornava impossível inspecioná-lo sem dobrar o canto.

Calvin e eu fizemos isso.

Foi como se um espectro apodrecido do sinistro passado desta moradia tivesse se erguido diante de nós. Havia uma única cadeira naquela alcova, e acima dela, presa num gancho numa das resistentes vigas do teto, estava uma deteriorada corda de cânhamo.

— Então foi aqui que ele se enforcou — murmurou Cal. — Deus!

— Sim... com o cadáver de sua filha jazendo ao pé da escada, atrás dele.

Cal começou a falar; então vi que seus olhos saltaram a um ponto atrás de mim; então suas palavras se transformaram num grito.

Como, Bones, posso descrever a visão que veio de encontro aos nossos olhos? Como posso lhe falar dos hediondos inquilinos dentro de nossas paredes?

A parede na outra extremidade recuou, e da escuridão um rosto espreitava — um rosto com olhos de ébano, como o próprio Estige. Sua boca estava aberta num esgar sem dentes, agonizado; uma de suas mãos, amarela e apodrecida, estendeu-se em nossa direção. O rosto fez um

som medonho, como um guincho esganiçado, e deu um passo trôpego para a frente. A luz da minha vela caiu sobre ele...

E pude ver a lívida marca da corda em volta de seu pescoço!

Atrás dele alguma outra coisa se movia, uma coisa com a qual hei de sonhar até a chegada do dia em que todos os sonhos cessam: uma garota com o rosto pálido e apodrecido, com o esgar de um cadáver; uma garota cuja cabeça pendia num ângulo bizarro.

Queriam-nos; sei disso. E sei que eles nos teriam levado para aquela escuridão e feito de nós seres como eles, se eu não tivesse jogado minha vela diretamente naquela coisa que se encontrava na divisória, e depois a cadeira que estava sob a corda.

Depois disso, tudo é uma escuridão confusa. Minha mente puxou uma cortina. Acordei, como disse, no meu quarto, com Cal ao lado.

Se eu pudesse sair daqui, fugiria desta casa de horror com minha roupa de dormir batendo nos calcanhares. Mas não posso. Tornei-me um peão num jogo mais profundo e mais sombrio. Não me pergunte como sei; apenas sei. Sra. Cloris estava certa quando falou a respeito de sangue chamando sangue; e quão horrivelmente certa estava quando falou daqueles que *vigiam* e daqueles que *guardam*. Temo ter acordado uma Força que dormia no tenebroso povoado de 'Salem's Lot por meio século, uma Força que matou meus ancestrais e se apoderou deles, numa escravidão profana, como *nosferatu* — os desmorts. E tenho temores maiores do que esses, Bones, mas só os vejo em parte. Se eu soubesse... se eu apenas soubesse de tudo!

CHARLES

Postscriptum — E é claro que escrevo isto para mim mesmo; estamos isolados de Preacher's Corners. Não ousou levar minha mácula até lá para postar a carta, e o Calvin não quer me deixar. Talvez, se Deus for bom, isto venha a chegar até você de alguma forma.

C.

(Do diário de Calvin McCann)

23 de outubro de 1850

Ele está mais forte hoje; conversamos brevemente sobre as *aparições* no porão; concordamos que não eram nem alucinações nem de origem *ectoplasmática*, mas *reais*. Será que Sr. Boone suspeita, como eu, que fo-

ram embora? Talvez; os barulhos cessaram, mas tudo ainda é agourento, coberto com uma mortalha negra. Parece que estamos aguardando no ilusório Olho da Tempestade...

Encontrei um maço de papéis num quarto no andar de cima, na gaveta inferior de uma velha escrivaninha de tampo corrediço. Certas cartas e recibos levaram-me a crer que o quarto era o de Robert Boone. Mas o documento mais interessante é uma série de rabiscos nas costas de uma propaganda de chapéus de pele de castor para cavalheiros. No alto está escrito:

Bem-aventurados os mansos.

Abaixo, a seguinte aparente tolice está escrita:

b k m o v d n h u e a m o h o s m e n n o
s e m a o e r t r r s d a s d s a a m s e s

Acredito que este seja o código do livro trancado e cifrado na biblioteca. A cifra acima com certeza é uma cifra rústica usada na Guerra da Independência, chamada *Gradeamento*. Quando são removidos os “nulos” da segunda parte do rabisco, o que se obtém é o seguinte:

b m v n u a o o m n o
e a e t r d s s a s s

Lido de cima para baixo, em vez de da esquerda para a direita, o resultado é a citação original das bem-aventuranças.

Antes de ousar mostrar isso ao Sr. Boone, tenho que me certificar sobre o conteúdo do livro...

24 de outubro de 1850

CARO BONES,

Um acontecimento surpreendente — Cal, sempre de boca fechada até que se sinta inteiramente seguro (característica humana rara e admirável!), encontrou o diário de meu avô Robert. O documento estava num código que o próprio Cal decifrou. Ele modestamente declara que

a descoberta foi um acidente, mas suspeito de que a perseverança e o trabalho árduo têm mais a ver com o resultado.

De qualquer modo, que luz sombria projeta em nossos mistérios!

O primeiro registro está datado de 1º de junho de 1789, e o último de 27 de outubro de 1789 — quatro dias antes do cataclísmico desaparecimento de que falou a Sra. Cloris. Conta uma história de crescente obsessão — não, loucura — e deixa clara de maneira hedionda a relação entre o tio-avô Philip, a cidade de Jerusalem's Lot e o livro que se encontra na igreja profanada.

A própria cidade, de acordo com Robert Boone, é mais antiga do que Chapelwaite (construída em 1782) e Preacher's Corners (conhecida naqueles dias como Preacher's Rest e fundada em 1741); foi fundada por um grupo dissidente de fé puritana em 1710, uma seita liderada por um austero fanático religioso chamado James Boon. Que sobressalto esse nome me deu! Que esse Boon tenha relações com minha família não se pode duvidar, creio eu. A Sra. Cloris não poderia estar mais correta em suas crenças supersticiosas de que a linhagem sanguínea da família é de importância crucial nesta questão; e eu me lembro com terror de sua resposta acerca de Philip e *sua* relação com 'Salem's Lot. "Relação de sangue", ela disse, e temo que seja isso mesmo.

A cidade se tornou uma comunidade permanente construída ao redor da igreja onde Boon pregava — ou imperava. Meu avô insinuava que ele tinha relações com qualquer uma das mulheres da cidade, assegurando-lhes que esse era o caminho e a vontade de Deus. Em resultado disso, a cidade se tornou uma anomalia que só poderia ter existido naqueles dias isolados e estranhos, em que a crença em bruxas e na imaculada concepção existiam lado a lado: um povoado religioso consanguíneo, bastante degenerado e controlado por um pregador meio louco cujos evangelhos duplos eram a Bíblia e o sinistro *Moradia do Demônio*, escrito por de Goudge; uma comunidade em que ritos de exorcismo aconteciam regularmente; uma comunidade de incesto, com a insanidade e os defeitos físicos que tão freqüentemente acompanham esse pecado. Suspeito (e acredito que Robert Boone também suspeitava) que um dos filhos bastardos de Boon deve ter deixado Jerusalem's Lot (ou deve ter sido levado embora por alguém), para tentar a sorte no sul — fundando assim nossa presente linhagem. O que sei, de acordo com a opinião da minha própria família, é que nosso clã supostamente

se originou naquela parte de Massachusetts que mais tarde tornou-se este Estado Soberano do Maine. Meu bisavô, Kenneth Boone, tornou-se um homem rico em consequência do comércio de peles, que então florescia. Foi sua fortuna, aumentada pelo tempo e por sábios investimentos, que construiu esta casa ancestral bem depois de sua morte em 1763. Seus filhos, Philip e Robert, construíram Chapelwaite. *Sangue atrai sangue*, disse Sra. Cloris. Será possível que Kenneth fosse filho de James Boon, que tenha fugido da loucura de seu pai e da cidade de seu pai, só para que seus filhos, ignorantes de tudo, construíssem o lar dos Boone *a menos de 3 quilômetros das origens de Boon*? Se isso for verdade, não parece que uma imensa e invisível Mão nos guiou?

De acordo com o diário de Robert, James Boon era um ancião em 1789 — e devia ser. Se considerarmos que tinha 25 anos quando a cidade foi fundada, devia estar com 104, uma idade prodigiosa. O trecho seguinte é uma citação do diário de Robert Boone:

4 de agosto de 1789

Hoje foi a primeira vez em que encontrei este Homem por quem meu Irmão se deixa influenciar de maneira tão pouco saudável; devo admitir que esse Boon tem um estranho Magnetismo que me perturba deveras. É um verdadeiro Ancião, de barbas brancas, e se veste com uma Batina preta que aos meus olhos é algo obscena. Mais perturbador ainda foi o Fato de que estava rodeado por Mulheres, como um Sultão estaria rodeado pelo seu Harém; e P. garante que ele ainda está ativo, embora seja no mínimo Octogenário...

O próprio Povoado eu só havia visitado uma vez antes, e não voltarei a fazê-lo; suas Ruas são silenciosas e cheias do Medo que o Velho inspira de seu Púlpito: também temo que Semelhante tenha procriado com Semelhante, já que tantos dos Rostos são similares. Parecia que a cada lado ao qual me virava contemplava a Face do Velho... todos são tão abatidos; parecem embaciados, como que sugados de toda a Vitalidade, contemplei Crianças sem Olhos e sem Narizes, Mulheres que choravam e tagare-

lavam de maneira incoerente e apontavam para o Céu sem qualquer Razão, e truncavam Trechos das Escrituras com Assuntos sobre Demônios;...

P. queria que eu ficasse para o Serviço, mas a idéia daquele sinistro Ancião no Púlpito diante de uma Audiência da População consangüínea daquela Cidade me causou repulsa, e dei uma Desculpa...

Os registros precedentes e seguintes falam da fascinação crescente de Philip por James Boon. No dia 1º de setembro de 1789, Philip foi batizado na igreja de Boon. Seu irmão diz: “Estou pasmo, tomado pelo Assombro e pelo Horror — meu Irmão mudou diante dos meus próprios Olhos — parece até mesmo tornar-se semelhante àquele Homem degenerado.”

A primeira menção ao livro ocorre em 23 de julho. O diário de Robert registra-o de maneira breve: “P. voltou do Vilarejo hoje à noite com um Rosto em minha opinião bastante ensandecido. Não disse nada até a Hora de ir dormir, quando falou que Boon havia perguntado a respeito de um Livro intitulado *Mistérios do Verme*. Para agradar a P., prometi escrever a Johns & Goodfellow uma carta, informando-me; P. grato quase às Raias da Adulação.”

Em 12 de agosto, esta nota: “Recebi duas Cartas pelo Correio hoje... Uma de Johns & Goodfellow, em Boston. Eles têm um Registro do Tomo pelo qual P. demonstrou Interesse. Somente cinco Cópias existentes nesta Região. A Carta é bastante fria, o que é deveras estranho. Conheço Henry Goodfellow há Anos.”

13 de agosto:

P. loucamente empolgado com a carta de Goodfellow. Recusa-se a dizer por quê. Só o que diz é que Boon está *extremamente ansioso* para obter uma Cópia. Não imagino por que, já que pelo Título parece apenas um Tratado inofensivo de Jardinagem...

Preocupado com Philip; parece mais estranho a cada Dia. Agora preferia que não tivéssemos voltado para

Chapelwaite. O Verão está quente, opressivo, e cheio de Presságios...

Só há mais duas referências ao livro infame no diário de Robert (ele parece não ter se dado conta de sua verdadeira importância, nem mesmo no fim). Do registro de 4 de setembro:

Solicitei a Goodfellow que fizesse as Vezes de Agente de P. na questão da Compra, embora meu bom senso seja contra. De que adianta objetar? Não tem ele seu próprio Dinheiro, eu deveria recusar? Em troca obtive de Philip a Promessa de abjurar esse Batismo repelente... Mas ele está tão Agitado; quase Febril; não confio nele. Estou completamente *desorientado* nesta Questão...

Finalmente, 16 de setembro:

O Livro chegou hoje, com uma nota de Goodfellow dizendo que não quer mais fazer Negócios comigo... P. ficou empolgado a um Nível incomum; só faltou arrancar o Livro das minhas Mãos. Está escrito num Latim vulgar e numa Escritura Rúnica de que não consigo ler Coisa alguma. Parece quase quente sob os Dedos, e parece vibrar em minhas Mãos, como se contivesse um imenso Poder... Lembrei a P. sua promessa de Abjuração, e ele só fez rir de uma Maneira feia, enlouquecida, sacudindo o Livro diante do meu Rosto e gritando repetidamente: “Conseguimos o Livro! Conseguimos o Livro! O Verme! O Segredo do Verme!”

Ele agora se foi, suponho que ao encontro do seu louco Benfeitor, e não voltei a vê-lo neste Dia...

Sobre o livro não há mais referências, mas fiz certas deduções que parecem pelo menos prováveis. Primeiro, que esse livro foi, como a Sra. Cloris disse, o motivo da desavença entre Robert e Philip; segundo, que é um repositório de feitiçarias profanas, possivelmente de origem

druida (muitos dos rituais de sangue druidas foram preservados por escrito pelos conquistadores romanos da Bretanha em nome do conhecimento, e muitos desses manuais infernais estão em meio à literatura proibida do mundo); terceiro, que Boon e Philip tencionavam usar o livro para seus próprios fins. Talvez, de alguma maneira enviesada, seu objetivo fosse bom, mas não creio nisso. Acredito que muito antes eles haviam se ligado a quaisquer que sejam os poderes sem rosto existentes para além da beira do Universo; poderes que talvez existam para além da própria estrutura do Tempo. Os últimos registros do diário de Robert Boone conferem um brilho opaco de concordância a essas especulações, e deixo que falem por si mesmos:

26 de outubro de 1789

Um terrível Falatório hoje em Precher's Corners; Frawley, o Ferreiro, agarrou-me pelo Braço e exigiu saber "O que seu Irmão e aquele Anticristo louco andam fazendo". Goody Randall alega que houve no Céu *Sinais* de um *grande Desastre iminente*. Uma Vaca nasceu com duas Cabeças.

Quanto a Mim, não sei o que está para acontecer; talvez seja Insanidade do meu Irmão. Seu Cabelo se tornou Cinzento quase que da Noite para o Dia, seus Olhos são grandes Círculos injetados dos quais o brilho agradável da Sanidade parece ter desaparecido. Ele mostra os dentes e sussurra, e, por algum Motivo Pessoal, começou a frequentar nosso Porão quando não está em Jerusalem's Lot. Os Bacuraus se reúnem por volta da Casa e sobre a Grama; seu Chamado conjunto em meio à Névoa mistura-se ao Mar, transformando-se num Grito agudo e sobrenatural que torna impossível até mesmo pensar em dormir.

27 de outubro de 1789

Segui P. esta Noite quando ele partiu rumo a Jerusalem's Lot, mantendo uma Distância segura para evitar que Descobrisse. Os amaldiçoados Bacuraus reúnem-se na

Floresta, enchendo tudo com um Cântico mortífero e capaz de guiar as almas do além. Não tive Coragem de atravessar a Ponte; a Cidade estava escura por completo, à exceção da Igreja, que estava iluminada com um fantasmagórico Brilho vermelho que parecia transformar as Janelas altas e pontiagudas nos Olhos do Inferno. Vozes se elevavam e diminuía na Lítania do Diabo, às vezes rindo, às vezes soluçando. O próprio Chão parecia se distender e rugir debaixo de mim, como se suportasse um Peso terrível, e eu fugi, assombrado e tomado pelo Terror, os Pios infernais e agudos dos Bacuraus atordoando-me enquanto eu corria por aquela Floresta rasgada pelas Sombras.

Tudo leva à direção do Clímax, ainda imprevisível. Não ousou dormir, devido aos Sonhos que surgem, mas tampouco ficar acordado, devido aos ensandecidos Terrores que podem surgir. A noite está cheia de Sons medonhos e temo que...

E no entanto sinto a necessidade de ir até lá outra vez, de observar, de *ver*. Parece que o próprio Philip me chama, e o Velho.

Os Pássaros
malditos malditos malditos

Aqui termina o diário de Robert Boone.

Mas você deve notar, Bones, que perto do fim ele alega que o próprio Philip parecia chamá-lo. Minha conclusão final é formada por essas linhas, pela conversa com a Sra. Cloris e os outros, mas sobretudo por todos aqueles vultos aterrorizantes no porão, mortos e ainda assim vivos. Nossa linhagem ainda é desafortunada, Bones. Há uma maldição sobre nós que se recusa a ser enterrada; vive uma hedionda vida de sombras nesta casa e naquela cidade. E o ponto culminante do ciclo está se aproximando novamente. Sou o último com o sangue dos Boone. Temo

que alguma coisa saiba disso, e que eu seja o nexu de um esforço maligno acima de qualquer compreensão normal. O aniversário é a véspera do dia de Todos os Santos, a uma semana a contar de hoje.

Como vou proceder? Se ao menos você estivesse aqui para me aconselhar, para me ajudar! Se ao menos você estivesse aqui!

Tenho de saber de tudo; tenho de voltar àquela cidade abandonada. Que Deus me ajude!

CHARLES.

(Do diário de bolso de Calvin McCann)

25 de outubro de 1850.

O Sr. Boone dormiu quase o dia todo. Seu rosto está pálido e muito mais magro. Temo que a recorrência da febre seja inevitável.

Enquanto trocava sua garrafa de água, dei com os olhos em duas cartas ainda não enviadas para Sr. Granson, na Flórida. Ele planeja voltar a Jerusalem's Lot; seria a sua morte se eu deixasse. Será que tenho coragem de dar uma escapada até Preacher's Corners e alugar uma charrete? Tenho de fazer isso, mas e se ele acordar? Se ao voltar eu não encontrá-lo mais aqui?

Os barulhos em nossas paredes recomeçaram. Graças a Deus por ele ainda estar dormindo! Minha mente estremece diante da causa disto.

Mais tarde

Trouxe-lhe o jantar numa bandeja. Ele planeja se levantar mais tarde, e, apesar de suas evasivas, sei o que planeja; mesmo assim vou até Preacher's Corners. Vários dos remédios em pó para dormir receitados para ele durante a última enfermidade estão ainda entre as minhas coisas; tomou um junto com o chá, sem saber. Está dormindo novamente.

Deixá-lo com as Coisas que se arrastam por trás de nossas paredes me aterroriza; deixá-lo continuar mais um dia que seja dentro destas paredes me aterroriza ainda mais. Tranquei-o lá dentro.

Queira Deus que ele ainda esteja lá, a salvo e adormecido, quando eu voltar com a charrete.

Ainda mais tarde

Fui apedrejado! Fui apedrejado como um cachorro louco e raivoso! Aqueles monstros e demônios! Aqueles que chamam a si mesmos *homenes!* Somos prisioneiros aqui...

Os pássaros, os bacurais, começaram a se reunir.

26 de outubro de 1850

CARO BONES,

Já está quase na hora do pôr do sol, e acabei de acordar, tendo dormido quase durante as últimas 24 horas. Embora Cal nada tenha dito, suspeito que tenha posto um sonífero em meu chá, percebendo meus planos. Ele é um amigo bom e fiel, com as melhores intenções, e nada direi.

Mas já tomei a decisão. Amanhã é o dia. Estou calmo, determinado, mas também pareço sentir a sutil investida da febre outra vez. Se for o caso, *tem* de ser amanhã. Talvez hoje à noite fosse ainda melhor; mas nem mesmo o próprio fogo do Inferno seria capaz de me convencer a colocar os pés naquele povoado na escuridão.

Se eu não escrever mais, que Deus o abençoe e guarde, Bones.

CHARLES

Postscriptum — Os pássaros começaram a piar, e aqueles horríveis sons de pés arrastados voltaram. Cal não acredita que os ouço, mas sim, eu os ouço.

C.

(Do diário de bolso de Calvin McCann)

27 de outubro de 1850.

Impossível persuadi-lo. Muito bem. Vou com ele.

4 de novembro de 1850

CARO BONES,

Fraco, mas lúcido. Não tenho certeza da data, mas meu calendário me diz que, pelos horários da maré e do pôr do sol, deve estar correta. Sento-me à minha mesa, onde sentei quando lhe escrevi pela

primeira vez de Chapelwaite, e olho para o mar escuro do qual a réstia de luz está rapidamente desaparecendo. Jamais voltarei a vê-la. Esta noite é a minha noite; deixo-a em troca de quaisquer sombras que existam.

Como ele se projeta nas rochas, este mar! Lança nuvens de espuma no céu que escurece, como faixas, fazendo o chão abaixo de mim tremer. Na vidraça da janela, vejo meu reflexo, pálido com o de um vampiro. Estou sem me alimentar desde o dia 27 de outubro, e também estaria sem beber água, se Calvin não tivesse deixado a garrafa ao lado da minha cama naquele dia.

Ah, Cal! Ele já não vive mais, Bones. Foi-se em meu lugar, em lugar deste infeliz com seus braços finos e seu rosto de caveira que vejo refletido na vidraça escura. E mesmo assim talvez ele seja mais afortunado; pois nenhum sonho o persegue como me tem perseguido nesses últimos dias — vultos retorcidos que se movem furtivamente nos corredores tenebrosos do delírio. Neste exato instante, minhas mãos tremem; borrei esta página de tinta.

Calvin me confrontou naquela manhã, no instante em que eu estava prestes a escapulir — e eu acreditando que tinha sido muito astuto. Dissera a ele que havia tomado a decisão de partir, e perguntei se poderia ir até Tandrell, a cerca de 15 quilômetros daqui, para contratar uma carruagem num local onde fôssemos menos notórios. Ele concordou em fazer a viagem a pé e eu o observei partir pela estrada junto ao mar. Quando ele sumiu de vista, rapidamente me aprontei, colocando o casaco e também o cachecol (pois o tempo agora estava gelado; já se podia sentir o prelúdio do inverno que se aproximava na brisa cortante daquela manhã). Durante alguns instantes, desejei ter uma arma, depois ri de mim mesmo por causa desse desejo. De que serviriam armas numa situação daquelas?

Saía pela porta da copa, fazendo uma pausa a fim de dar uma última olhada para o mar e o céu; para sentir o cheiro do ar fresco antes da putrescência que sabia que ia respirar muito em breve; para ter a visão de uma gaivota à procura de alimento, voando em círculos abaixo das nuvens.

Voltei-me — e ali estava Calvin McCann.

— O senhor não vai sozinho — ele disse; e seu rosto estava mais soturno do que eu jamais tinha visto.

— Mas Calvin... — comecei a dizer.

— Não, nem uma única palavra! Vamos juntos e faremos o que for preciso, ou eu mesmo faço o senhor entrar à força em casa. O senhor não está bem. Não irá sozinho.

É impossível descrever as emoções conflitantes que me assaltavam: confusão, ressentimento, gratidão —, porém a mais forte delas era amor.

Seguimos silenciosamente, deixando para trás a casa de verão e o relógio de sol — nem um único pássaro cantava, nem um único grilo cricrilava. O mundo parecia envolvido por uma silenciosa mortalha. Só o que havia era o onipresente cheiro de sal, e de muito longe o cheiro discreto de madeira queimando. A floresta era uma profusão brilhante de cores, mas para os meus olhos o escarlate parecia predominar sobre tudo mais.

Logo o cheiro de sal passou, e um outro odor, mais sinistro, ocupou seu lugar; aquela podridão que mencionei. Quando chegamos à ponte torta que cruzava o Royal, esperei que Cal fosse mais uma vez pedir que eu desistisse, mas ele nada disse. Fez uma pausa, olhou para aquela soturna agulha que parecia debochar do céu azul lá em cima, e então olhou para mim. Seguimos em frente.

Avançamos com passos rápidos mas aterrorizados até a igreja de James Boon. A porta ainda estava entreaberta, depois da nossa última saída, e a escuridão lá dentro parecia fitar-nos com malícia. Conforme subíamos os degraus, meu coração parecia ficar pesado; minha mão tremia quando toquei a maçaneta e puxei. O cheiro lá dentro estava mais forte e mais doentio do que nunca.

Entramos na sombria antecâmara e, sem fazer qualquer pausa, na câmara principal.

Estava em ruínas.

Alguma coisa enorme tinha andado ocupada por ali, e uma grande destruição acontecera. Os bancos estavam de cabeça para baixo e empilhados como varetas de um jogo. A cruz perversa estava apoiada na parede oriental, e um buraco irregular no gesso acima dela testemunhava a força com que havia sido arremessada. As lamparinas a querosene

tinham sido arrancadas de seus lugares no alto, e o cheiro forte de óleo de baleia misturava-se ao terrível fedor que impregnava a cidade. E ao longo da nave central, como um macabro tapete de núpcias, estava uma trilha de icor negro, misturado com sinistros filetes de sangue. Nossos olhos seguiram-na até o púlpito — o único local visível que estava intocado. No alto, olhando para nós com expressão vidrada do outro lado daquele Livro blasfemo, estava o corpo chacinado de um cordeiro.

— Deus — Calvin sussurrou.

Aproximamo-nos, sem pisar no líquido viscoso no chão. Nossos passos ecoavam pela nave, que parecia transformá-los no som de uma gargalhada gigantesca.

Subimos juntos no nártex. O cordeiro não havia sido despedaçado ou comido; parecia, antes, ter sido *espremido* até que suas veias forçosamente se rompessem. Havia sangue em poças espessas e repugnantes na própria estante, e em volta de sua base... *no livro, no entanto, o sangue era transparente, e as runas obscuras podiam ser lidas por baixo dele, como se através de um vidro colorido!*

— Temos de tocar nisto? — Cal perguntou, firme.

— Sim. Tenho de pegá-lo.

— O que o senhor vai fazer?

— O que deveria ter sido feito há sessenta anos. Vou destruí-lo.

Rolamos o cadáver do cordeiro para longe do livro; caiu no chão com um baque hediondo, desconjuntado. As páginas manchadas de sangue agora pareciam vivas com brilho escarlate próprio.

Meus ouvidos começaram a tinir e zumbir; um cântico baixo parecia emanar das próprias paredes. Pela expressão desorientada no rosto de Cal, sabia que ele tinha ouvido a mesma coisa. O chão abaixo de nós tremeu, como se o demônio familiar que assombrava aquela igreja viesse agora até nós, para proteger o que era seu. O tecido do espaço e do tempo racionais parecia se retorcer e rachar; a igreja parecia cheia de espectros e iluminada com o brilho infernal do eterno fogo frio. Tive a impressão de ver James Boon, hediondo e disforme, saltando ao redor do corpo de braços de uma mulher, e meu tio-avô Philip atrás deles, um acólito numa batina negra, encapuzado, segurando uma faca e uma tigela.

“Deum vobiscum magna vermis...”

As palavras tremeram e se retorceram na página diante de mim, enopada com o sangue do sacrifício, oferenda a uma criatura que se arrasta além das estrelas...

Uma congregação consangüínea se agitava em um louvor irracional, demoníaco; rostos deformados tomados pela expectativa ávida, nefanda...

E o latim foi substituído por uma língua mais velha, que já era antiga quando o Egito era jovem e as Pirâmides ainda não tinham sido construídas, que já era antiga quando esta Terra ainda se pendurava no firmamento informe e fervente de gás vazio:

“Gyyagin vardar Yogsoggoth! Verminis! Gyyagin! Gyyagin! Gyyagin!”

O púlpito começou a ceder e rachar, elevando-se...

Calvin gritou e levantou o braço para proteger o rosto. O nártex tremeu com uma onda imensa e tenebrosa, como um barco arruinado numa tormenta. Agarrei o livro e segurei-o longe de mim; parecia tomado pelo calor do sol, e senti que poderia ficar carbonizado, cego.

— Corra! — Calvin gritou. — Corra!

Mas eu estava imobilizado e a presença estranha me encheu como um antigo recipiente que tivesse aguardado durante anos — durante gerações!

— Gyyagin vardar! — gritei. — Servo de Yogsoggoth, o Sem Nome! O Verme além do Espaço! Comedor de Estrelas! Aquele que Cega o Tempo! Verminis! É chegada a Hora da Completude, o Momento de dilacerar! Verminis! Alyah! Alyah! Gyyagin!

O Calvin me puxou e eu titubeei, a igreja rodopiando diante de mim, e caí no chão. Minha cabeça bateu na ponta de um banco virado, e um fogo vermelho encheu minha cabeça — parecendo, no entanto, clareá-la.

Tentei pegar os fósforos de enxofre que havia trazido.

Um trovão subterrâneo encheu o local. O reboco caiu. O sino enferrujado na torre tocava um sufocado carrilhão do diabo, vibrando por simpatia.

Meu fósforo chamejou. Encostei-o no livro no instante em que o púlpito explodiu, arremessando para o alto uma dilacerada profusão de madeira. Uma imensa bocarra negra descobriu-se, lá embaixo; Cal

titubeou na beirada com as mãos estendidas, o rosto esticado num grito sem palavras que hei de ouvir para sempre.

E então surgiu uma imensa onda de carne cinzenta, vibrante. O cheiro se tornou uma vaga de pesadelo. Vinha à superfície uma geléia viscosa e pustulenta, uma gigantesca e medonha forma que parecia subir vertiginosamente das entranhas da própria terra. E no entanto, com uma súbita e horrenda compreensão que homem algum jamais conheceu, percebi *que aquilo não passava de um anel, um segmento de um monstruoso verme que existia, sem olhos, durante anos, nas câmaras da escuridão, sob aquela abominável igreja!*

O livro pegou fogo em minhas mãos, e a Coisa pareceu gritar sem emitir som, acima de mim. Calvin foi atingido num golpe de raspão e arremessado através da igreja como um boneco de pescoço quebrado.

Ela afundou — a coisa afundou, deixando apenas um imenso e despedaçado buraco cercado por muco preto e um grito forte e esganado que pareceu se dissipar ao longo de uma distância colossal, e se foi.

Olhei para baixo. O livro se transformara em cinzas.

Comecei a rir, depois a uivar como um animal ferido.

Toda a sanidade me abandonou, e sentei-me no chão com sangue escorrendo de minha têmpora, gritando e dizendo palavras incoerentes na direção daquelas sombras profanas, enquanto o Calvin encontrava-se estatelado do outro lado, olhando fixamente para mim com olhos vidrados, tomados pelo horror.

Não tenho idéia do tempo em que fiquei nesse estado. Ultrapassa qualquer possibilidade de relato. Mas quando recuperei minhas faculdades, as sombras haviam desenhado longas trilhas ao meu redor, e eu estava sentado no meio do crepúsculo. Um movimento atraía meu olhar, um movimento vindo do buraco despedaçado no chão do nártex.

Uma pálida mão abria caminho em meio às tábuas arrancadas do chão.

Minha risada enlouquecida morreu em minha garganta. Toda a histeria se dissolveu num torpor emudecido.

Com uma lentidão terrível, vingativa, um vulto em ruínas ergueu-se da escuridão, e metade de um crânio olhou para mim. Besouros se arrastavam pela testa descarnada. Uma batina apodrecida prendia-se

a clavículas tortas que se desfaziam. Somente os olhos ainda viviam — poços vermelhos, ensandecidos, que me fitavam com algo mais do que loucura; fitavam-me com a vida vazia dos ermos sem caminhos que ficam além das margens do Universo.

Viera para me levar à escuridão lá embaixo.

Foi então que fugi, aos berros, deixando o corpo de meu amigo da vida inteira abandonado naquele lugar medonho. Corri até que o ar pareceu irromper feito lava em meus pulmões e meu cérebro. Corri até que estivesse de volta a esta casa possuída e maculada novamente, e ao meu quarto, onde desabei e onde até agora estou, deitado como um morto. Corri porque até mesmo em meu estado enlouquecido, e mesmo na ruína daquele vulto morto e, no entanto, vivo, *notei a semelhança da família*. Mas não de Philip ou Robert, cujos retratos estão na galeria lá em cima. *Aquele rosto apodrecido pertencia a James Boon, Guardião do Verme!*

Ele ainda vive em algum lugar nos caminhos tortuosos e escuros embaixo de Jerusalem's Lot e Chapelwaite — e *Aquilo* ainda vive. Queimar o livro contrariou a *Coisa*, mas há outras cópias.

Sou, contudo, a passagem, e sou o último com o sangue dos Boone. Pelo bem da humanidade, devo morrer... e romper essa corrente para sempre!

Vou para o mar agora, Bones. Minha jornada, como minha história, chega ao fim. Que Deus esteja com você e lhe dê paz.

CHARLES.

A curiosa série de papéis acima foi subseqüentemente recebida pelo Sr. Everett Granson, a quem tinha sido endereçadas. Deduziu-se que uma recorrência da desafortunada febre cerebral que o acometeu originalmente após a morte de sua mulher, em 1848, fez com que Charles Boone perdesse a lucidez e assassinasse seu ajudante e amigo de toda a vida, Sr. Calvin McCann.

Os registros no diário de bolso de Calvin McCann são um fascinante exercício de falsificação, sem dúvida perpetrada por Charles Boone, num esforço para reforçar seus próprios delírios paranóicos.

Em pelo menos dois detalhes, contudo, Charles Boone se equivocou. Primeiro, quando a cidade de Jerusalem's Lot foi “redescoberta”

(uso o termo historicamente, é claro), o piso do nártex, embora apodrecido, não revelava sinais de explosão ou grandes danos. Embora os antigos bancos *estivessem* virados e várias janelas quebradas, isso pode ser explicado pela ação de vândalos das cidades vizinhas ao longo dos anos. Entre os residentes mais antigos de Preacher's Corners e Tandrell, ainda há alguns rumores infundados sobre Jerusalem's Lot (talvez, em sua época, tenha sido o tipo de inofensiva lenda popular que provocou na mente de Charles Boone seu declínio fatal), mas isto não parece ter relevância.

Segundo, Charles Boone não era o último de sua linhagem. Seu avô, Robert Boone, foi pai de pelo menos dois bastardos. Um deles morreu na infância. O segundo assumiu o nome Boone e se instalou na cidade de Central Falls, Rhode Island. Sou o descendente final desse ramo ilegítimo da linhagem de Boone; sou o primo de segundo grau de Charles Boone, afastado por três gerações. Estou de posse destes papéis há dez anos. Ofereço-os para publicação na ocasião de minha residência na casa ancestral dos Boone, Chapelwaite, na esperança de que o leitor encontre em seu coração alguma simpatia pela pobre e desorientada alma de Charles Boone. Até onde posso dizer, ele estava correto acerca de uma coisa apenas: este lugar precisa muito dos serviços de um exterminador.

Há ratos imensos nas paredes, a julgar pelo barulho.

Assinado,
James Robert Boone
2 de outubro de 1971.